



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/05/2023 a 25/05/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
19/05/2023	13,07	409,10	47,27	6,05	5,54
22/05/2023	13,41	412,20	48,77	6,06	5,71
23/05/2023	13,22	406,40	47,76	6,22	5,77
24/05/2023	13,24	402,20	48,00	6,06	5,87
25/05/2023	13,24	397,20	48,52	6,04	5,90
Média	13,24	405,42	48,06	6,09	5,76

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	120,00	
RS – Londrina	121,00	
PR – M.C.Rondon	121,00	
MT – C.N.Parecis	110,00	
MS – Maracaju	118,00	
GO - Rio Verde	113,00	
BA – L.E.Magalhães	115,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	62,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	52,00	
SC – Rio do Sul	47,00	
PR – M.C.Rondon	46,00	
PR – Londrina	46,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	41,00	
SP – Itapetininga	53,00	
SP – Campinas	56,00	CIF
GO – Rio Verde	45,00	
GO – Jataí	45,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	64,00	
PR – Londrina	67,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 24/05/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 25/05/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	56,59	124,08	66,60

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
25/05/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	84,16
Feijão (saco 60 Kg)	262,00
Sorgo (saco 60 Kg)	45,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,43
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,72**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,23

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Março/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram recuando nesta semana. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, chegou a bater em US\$ 13,07 no dia 19/05, se recuperando um pouco nos dias seguintes e fechando a quinta-feira (25) em US\$ 13,24, contra US\$ 13,33/bushel uma semana antes. A registrar que o óleo e o farelo, naquela Bolsa, igualmente recuaram em alguns momentos da semana, sendo que o farelo fechou o dia 25/05 em US\$ 397,20/tonelada curta, a mais baixa cotação dos últimos 16 meses, considerando o primeiro mês cotado. Salientando que a cotação do grão de soja, para setembro próximo, já está em US\$ 11,83/bushel.

Um dos principais motivos deste comportamento é o clima positivo para o plantio da nova safra, nos EUA. Até o dia 21/05, em torno de 66% da área havia sido semeada, contra 52% na média histórica para a data. Ao mesmo tempo, 36% das lavouras já estavam germinadas, contra 24% na média histórica. A partir de agora o clima ganha ainda mais importância nas regiões produtoras daquele país. Sabe-se que o plantio mais cedo diminui a possibilidade de as lavouras serem atingidas por uma eventual seca, mas, como sempre, em se tratando de clima nada é garantido. Portanto, como também é tradicional neste período, haverá muita especulação em torno do clima nos EUA. Neste momento, por exemplo, começa a haver preocupações quanto a possibilidade de falta de chuvas para o final de maio e primeira quinzena de junho, segundo os mapas meteorológicas estadunidenses.

Aqui no Brasil, com o câmbio voltando à casa dos R\$ 4,90 a R\$ 5,00 por dólar, mais o recuo em Chicago, e ainda prêmios negativos, embora em menos intensidade, tivemos novos recuos de preços. A média gaúcha caiu para R\$ 124,08/saco, enquanto as principais praças locais negociaram soja a R\$ 120,00. Já nas demais regiões do país, os preços recuaram para níveis entre R\$ 110,00 e R\$ 121,00/saco.

Este comportamento baixista também foi alimentado por novas estimativas altistas para a safra nacional. Agora, a mesma, embora ainda haja áreas a colher no Sul, indica uma colheita final ao redor de 155,7 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado). Em sendo assim, e considerando que o Rio Grande do Sul perdeu cerca de 8 milhões de toneladas devido a seca, o volume total que o Brasil poderia ter colhido, em 2022/23, chegaria a 163,7 milhões de toneladas. Mesmo assim, o que o país deverá colher neste ano será 21% acima da frustrada safra anterior. Para comparação, enquanto a produtividade média do Brasil estaria ao redor de 3.500 quilos/hectare (58,3 sacos/hectare), o Rio Grande do Sul deve registrar a média de 2.160 quilos/hectare (36 sacos/hectare), ou seja, 38,3% a menos. O volume recorde no país, apesar da quebra gaúcha, se deu pelo aumento da produção em outros Estados.

Especificamente no Mato Grosso do Sul, por exemplo, a colheita atingiu ao recorde histórico de 15 milhões de toneladas neste ano. O resultado é comemorado pelo Governo daquele Estado, pois demonstraria o resultado positivo da estratégia de expansão agrícola em áreas degradadas. Esta produção recorde de soja decorre do aumento de 6% da área plantada, que atingiu os 4 milhões de hectares na safra 2022/2023, e também pela maior produtividade por hectare (62 sacos/ha, contra a projeção inicial de 58 sacos). (cf. Aprosoja/MS e Famasul)

Enfim, a exportação de soja, pelo Brasil, atingiu a média diária de 695.800 toneladas na terceira semana de maio, sendo este um ritmo menor do que o registrado na primeira quinzena do mês. Mesmo assim, é possível que o país exporte, em maio, um pouco mais de 15 milhões de toneladas, superando o exportado em abril e o volume registrado em maio do ano passado, que foi de 10,6 milhões de toneladas. Por enquanto, no acumulado do mês, até a terceira semana, o volume atinge a 9,7 milhões de toneladas. (cf. Secex) O mercado espera que o Brasil, no total do ano 2023, exporte um pouco mais de 90 milhões de toneladas de soja, o que seria um recorde histórico.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, por enquanto, se consolidaram abaixo dos US\$ 6,00/bushel, tendo mesmo alcançado, no dia 19/04, a US\$ 5,54. Posteriormente o mercado reagiu, na esteira de um clima mais seco nos EUA, para fechar a quinta-feira (25) em US\$ 5,90/bushel, contra US\$ 5,55 uma semana antes.

No curto prazo, o clima mais seco é favorável ao avanço do plantio nos EUA, o qual atingiu a 81% da área no dia 21/05, contra a média histórica de 75% para a data. Ao mesmo tempo, 52% da área semeada já havia germinado, contra 45% na média histórica. No médio e longo prazo, em a redução das chuvas continuando, poderá gerar problemas para a produção final do cereal naquele país. Não esquecendo que estamos em pleno “mercado do clima” naquele país, fato que alimenta especulações de toda ordem.

E aqui no Brasil, os preços continuaram em recuo. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 56,59/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram o produto a R\$ 52,00. Já no restante do país, as principais praças indicaram valores oscilando entre apenas R\$ 41,00 e R\$ 53,00/saco. Os negócios, tanto no mercado interno quanto na exportação, continuam fracos.

Já na B3 o quadro é igualmente baixista. Para comparação, no pregão do dia 24 (quarta-feira), o vencimento julho operou à R\$ 55,18/saco; setembro à R\$ 58,53; novembro à R\$ 60,60 e janeiro/24 à R\$ 63,15/saco.

Dito isso, as primeiras colheitas da segunda safra tiveram início no país. No Mato Grosso, 0,16% da área havia sido colhida até o início da presente semana. A tendência é que a mesma se intensifique a partir de agora. Das lavouras a serem colhidas, 89,4% estão em fase de florescimento e polinização, com menos de 11% do total em fase de alta exigência hídrica. (cf. Imea)

Afora isso, o Imea informou que os custos de produção do milho de alta tecnologia, já para a safra 2023/24, apresentaram um recuo de 0,7% no seu custeio entre março e abril passados. “Essa retração se deu devido à diminuição nos custos com fertilizantes, de 1,79%, e operações mecanizadas, de 1,7%”. Com isso, o Custo Operacional Total ficou estimado em R\$ 5.114,26/hectare, o que torna necessário a comercialização do milho à um preço médio de R\$ 48,42/saco, para se obter rentabilidade. Por enquanto não é o caso, pois o preço médio registrado em abril/23, no Mato Grosso, foi de R\$ 47,28/saco. Lembrando que, em regiões como a de Campo Novo do Parecis, os preços atuais são de apenas R\$ 41,00/saco.

Assim, “considerando esse cenário de preços abaixo do ponto de equilíbrio, seria necessário que o rendimento da safra atingisse, pelo menos, 108,2 sacos/ha para que um produtor modal consiga cobrir seus custos.” (cf. Imea) Se nada mudar, os produtores mato-grossenses poderão ter margens negativas na segunda safra de milho deste ano, o que pode impactar o plantio em 2024.

Enfim, as exportações brasileiras de milho estão muito lentas, contrariando as expectativas. Nos primeiros 14 dias úteis de maio o volume exportado ficou em 149.999 toneladas, ou seja, apenas 13,8% do registrado em todo o mês de maio de 2022. Assim, a média diária de embarques ficou 78,3% abaixo do registrado no mesmo mês do ano passado. (cf. Secex) Ora, este comportamento preocupa o mercado, pois o país precisa exportar ao redor de 50 milhões de toneladas, neste ano comercial, para aliviar a pressão baixista que chega com a safrinha recorde que teremos. (cf. StoneX)

Neste sentido, nova estimativa para a safrinha dá conta de uma colheita de 102,4 milhões de toneladas neste ano (cf. Agroconsult), apesar de o Paraná anunciar preocupações com as poucas chuvas que atualmente ocorrem sobre suas regiões produtoras da segunda safra do cereal. A região Sul daquele Estado teria sido afetada pela falta de chuvas nesta última semana, o que já teria prejudicado a safrinha, pois ali o milho está em fase de formação de grãos. (cf. Deral)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, durante todo este mês de maio, ensaiam uma recuperação, porém, o movimento não se sustenta e as mesmas recuam para níveis próximos aos US\$ 6,00/bushel. Tanto é verdade que o fechamento desta quinta-feira (25) ficou em US\$ 6,04, contra US\$ 6,11/bushel uma semana antes.

E isso ocorre mesmo com as dificuldades de produção ocorridas na safra passada e os problemas climáticos existentes na atual safra, os quais estão atrasando o plantio do trigo de primavera e colocando boa parte do trigo de inverno em situação delicada.

Neste sentido, até o dia 21/05, segundo o USDA, o trigo de inverno, nos EUA, indicava 61% das lavouras germinadas. O mesmo percentual da média histórica, porém, as condições deste trigo apresentavam apenas 31% das lavouras entre boas a excelentes, enquanto 29% estavam regulares e 40% entre ruins a muito ruins. Quanto ao trigo de primavera, 64% da área estava semeada, contra 73% na média histórica, sendo que 32% das lavouras plantadas estavam germinadas, contra 40% na média histórica para esta data.

Diante deste cenário, os EUA estão importando trigo europeu. “Pelo menos dois carregamentos de grãos poloneses chegaram à Flórida este ano, com outros sendo esperados nos próximos meses, de acordo com agentes privados. A empresa agrícola Andersons Inc. forneceu o trigo à fábrica de farinha da Ardent Mills em Tampa, disseram as fontes. As importações, raras, são um golpe para os EUA, que vêm perdendo relevância no mercado mundial de trigo para o principal exportador, a Rússia. A seca do ano passado dificultou o transporte pelo rio Mississippi, tornando mais caro transportar a safra por trem. O clima desfavorável também influencia no custo mais alto

em mais de um século, tornando as importações lucrativas. Assim, hoje, está mais barato, para os processadores dos EUA, na costa leste, transportar grãos da Europa do que trazê-los do Kansas. A grande diferença de preço permitiu que acordos fossem feitos para o fornecimento de trigo de alguns países europeus, para os Estados Unidos, até pelo menos outubro, já que países do Leste Europeu estão com excedentes do cereal. Dados comerciais da União Europeia mostram que a Polônia enviou cerca de 79.000 toneladas de trigo para os EUA, até agora, neste ano 2022/23. Mais carregamentos semelhantes, do Báltico para os EUA, são prováveis devido à diferença de preço.” (cf. Globo Rural)

E aqui no Brasil, os preços voltaram a recuar. A média gaúcha caiu para R\$ 66,60/saco, enquanto as principais praças compradoras locais pagavam R\$ 64,00/saco nesta semana. Já no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 66,00 e R\$ 67,00/saco.

A fraca demanda e a possibilidade de nova safra importante no final deste ano, pressionam os preços do cereal. Já no front externo, a renovação do acordo entre Rússia e Ucrânia, para manter aberto o corredor do Mar Negro, baixou as cotações. Esta renovação estendeu o acordo por mais dois meses, com expiração do mesmo em 18 de julho.

Assim, com um mercado mundial sem forças para elevar os preços e o mercado interno estagnado, os preços brasileiros recuam. Afinal, os moinhos têm feito compras apenas pontuais e o Rio Grande do Sul ainda tem estoques importantes da safra passada. Ao mesmo tempo, o plantio da nova safra chegou a 39% da área esperada no Paraná, que calcula um aumento de 13% nesta área, enquanto no Rio Grande do Sul, onde a expectativa é de, pelo menos, manter a mesma área do ano passado, o plantio apenas está iniciando.

Pesa também, sobre o mercado local, o fato de que a Argentina espera um aumento de 18,2% em sua área plantada de trigo, atingindo a 6,5 milhões de hectares. Em clima normal, sua produção, neste ano, subirá para 19 milhões de toneladas (talvez mais), contra os 12,5 milhões da frustrada safra passada. Assim, o país vizinho terá um saldo exportável de até 13,5 milhões de toneladas.

Enfim, aqui no Brasil o setor tritícola, seguindo os produtores, está cada vez mais preocupado com a realidade econômica da futura safra. Os preços em recuo acentuado; a possibilidade de um clima mais difícil com a chegada do fenômeno El Niño; os custos de produção ainda relativamente elevados, embora em recuo; a falta de crédito e dificuldades com o seguro agrícola são alguns dos fatores que inquietam, especialmente no Rio Grande do Sul. Além disso, no caso gaúcho, nos últimos quatro anos houve quebra de safra de verão em três deles, deixando os produtores praticamente sem caixa próprio. Segundo a Fecoagro, até a semana passada, os créditos contratados para a safra de trigo gaúcha apontavam para um financiamento de 710.000 hectares, contra mais de um milhão de hectares em igual momento do ano passado.